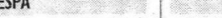


Economia Brasil

BOLSAS		BOVESPA		C-BOND		DÓLAR		EURO		OURO		CDB		INFLAÇÃO			
Na segunda (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)		Título da dívida externa brasileira, na segunda		Comercial, venda, segunda-feira (em R\$)		Últimas cotações (em R\$)		Turismo, venda (em R\$)		Na BM&F, o grama (em R\$)		Prefeito, 30 dias (em % ao ano)		IPCA do IBGE (em %)	
↑ 0,23 São Paulo		-0,47 Nova York				US\$ 1,225 (▲ 0,125%)		2,690 (▼ 0,19%)		3,740 (▼ 0,03%)		R\$ 38,850 (▲ 0,01%)		17,63		Julho/2004 0,91 Agosto/2004 0,69 Setembro/2004 0,33 Outubro/2004 0,44 Novembro/2004 0,69	
		20/12 21/12 22/12 23/12 23/12						17/dezembro 2,71 20/dezembro 2,67 21/dezembro 2,70 22/dezembro 2,70 23/dezembro 2,70									

## POLÍTICA ECONÔMICA

Analistas estimam aumento de, pelo menos, 0,25 ponto percentual na taxa Selic em janeiro, o que deve reduzir o custo de vida. Pela terceira semana seguida, economistas prevêem inflação menor em 2005

## Alta de juros à vista

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O aviso dado pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central, de que o ciclo de aumento de juros iniciado em setembro passado ainda não terminou, já surtiu efeito no mercado. Os quase cem analistas e consultores econômicos ouvidos semanalmente pelo BC, por meio da pesquisa *Focus*, estão prevendo elevação de 0,25 ponto percentual na taxa básica (Selic) em janeiro, de 17,75% para 18%. Há, porém, especialistas apostando que o ajuste na Selic no mês que vem pode ser de 0,5 ponto percentual, caso a inflação se mostre reticente em cair. "O BC não vai dar trégua. O que vemos é uma disposição do banco em fazer a inflação convergir para a meta de 5,1% o mais rápido possível", disse o economista e consultor independente Marcelo de Ávila.

Mas a última segunda-feira do ano trouxe uma boa notícia para o BC. Pela terceira semana consecutiva, a expectativa de inflação para 2005 caiu, ficando, agora, em 5,7%. "É um reflexo claro do aperto monetário promovido pelo Copom", afirmou o economista sênior do Banco WestLB, Adauto Lima. "A tendência é de que essa expectativa continue caindo nas próximas semanas, mas de forma muito lenta", acrescentou. Para o BC, reverter as expectativas inflacionárias é importantíssimo, pois são elas que estimulam as remarcações preventivas da indústria e do comércio, movimento que, se fugir ao controle, pode provocar estragos profundos da economia.

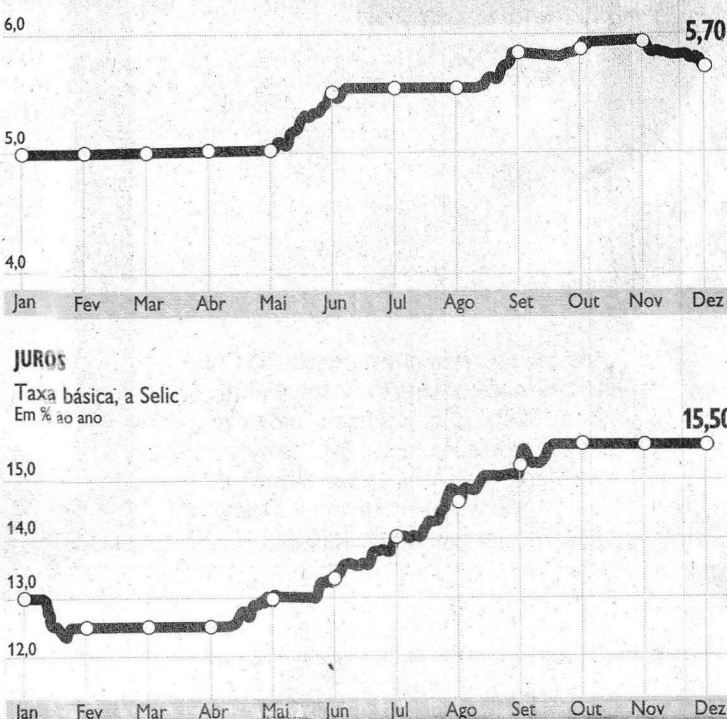
## Momento positivo

Segundo o economista Carlos Thadeu Filho, do Grupo de Conjuntura Econômica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), há três fatores jogando as expectativas inflacionárias para baixo. O primeiro é a constante queda dos preços do dólar, a despeito dos leilões de compra da moeda realizados pelo BC. A segunda é a retração das cotações do petróleo — ontem, o barril ficou quase US\$ 3 mais barato no mercado internacional. O terceiro é a desaceleração da indústria, mostrando que o consumo está sob controle. "Juntos, são indicadores impor-

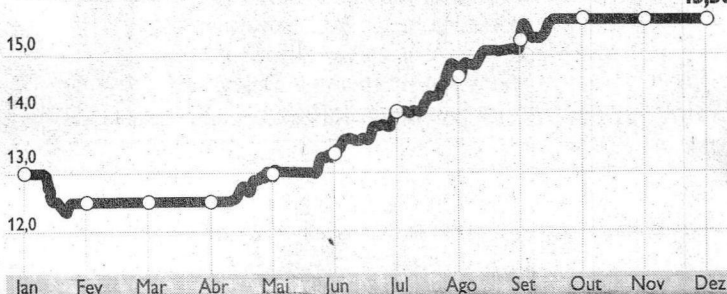
## O BOLETIM DE MERCADO

Previsões para 2005

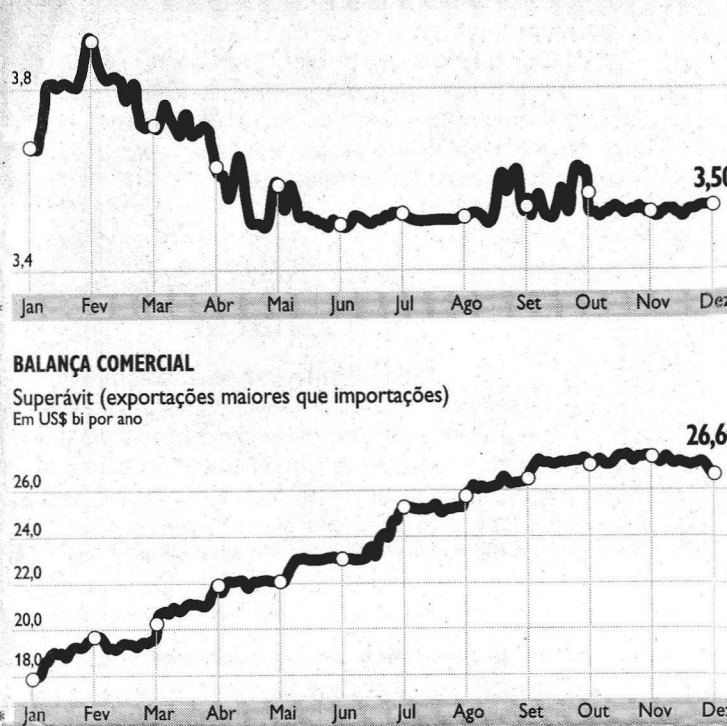
## INFLAÇÃO

Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)  
Em % ao ano

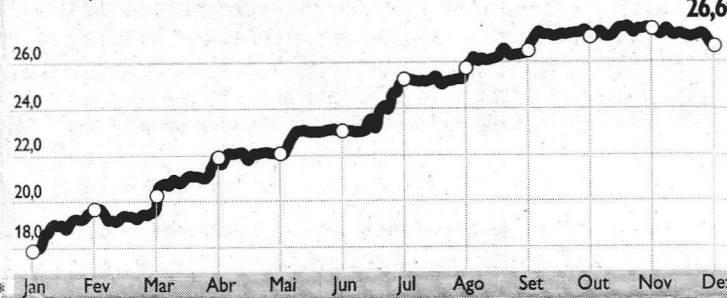
## JUROS

Taxa básica, a Selic  
Em % ao ano

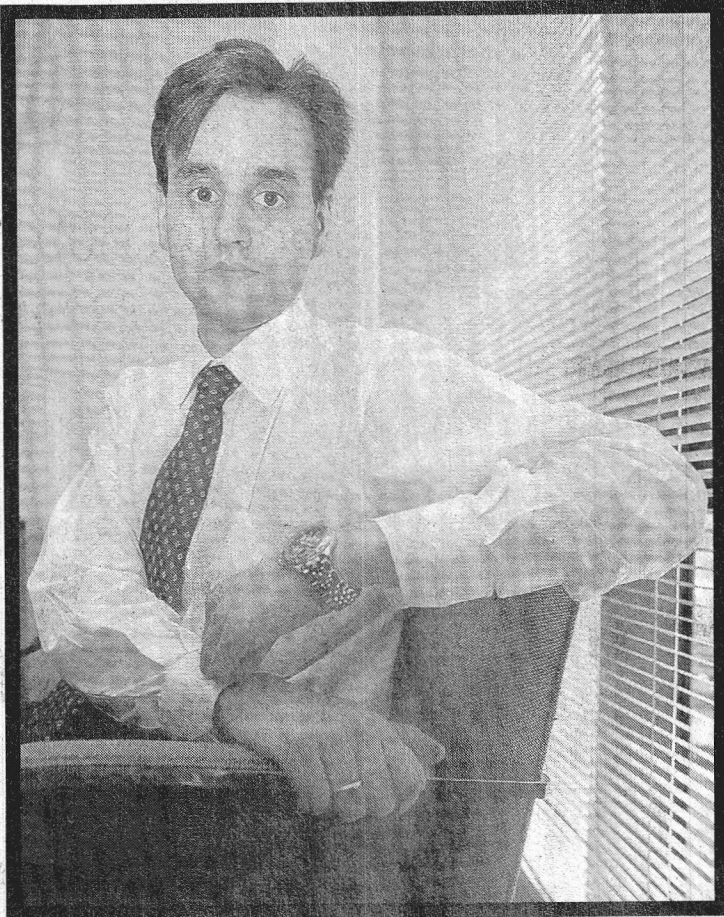
## PRODUÇÃO

Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB)  
Em % ao ano

## BALANÇA COMERCIAL

Superávit (exportações maiores que importações)  
Em US\$ bi por ano

Marcos Fernandes/CB/10.3.99



LIMA, DO BANCO WESTLB: QUEDA LENTA NA EXPECTATIVA DE INFLAÇÃO

tantes que dão tranquilidade neste momento, mas que não evitam um novo aumento dos juros em janeiro, devido ao con-

servadorismo do BC", ressaltou.

No entender de Thadeu Filho, o BC está cauteloso porque os juros dos contratos negociados

no mercado futuro — usados pelos agentes financeiros para formar as taxas cobradas de consumidores e empresas — continuam caindo, mesmo com todo o arrocho do Copom na Selic. "O mercado sabe ler os indicadores econômicos. E os três que mais interferem nas expectativas estão positivos", complementa o economista da UFRJ. "A Selic deveria ficar onde está, pois, no curto prazo, não há nenhum sinal de alta do dólar, de retomada da indústria e de saltos expressivos nas cotações do petróleo", assinalou.

## Relatório do BC

Apesar do quadro positivo para os índices de preços, o mercado operou ontem com grande expectativa em relação ao relatório trimestral de inflação que o BC vai divulgar hoje. Entre os bancos, as estimativas são de que o documento mostrará que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) projetado para o próximo ano está oscilando entre 5,2% e 5,4%, acima, portanto, da meta de 5,1%.

"O que chama a atenção, é o fato de o IPCA continuar acima da meta, independentemente da queda do dólar e da alta dos juros", ressaltou Marcelo de Ávila. No relatório de setembro, o BC projetava um índice de

5,6% em 2005, se mantidas a taxa Selic em 16,25% e a cotação do dólar em R\$ 2,90 pelos próximos 12 meses. "Esses números só reforçam a tese de que os juros vão continuar subindo, e não me espantarei se a Selic chegar aos 20%, para só depois o BC dar uma parada estratégica e, aos poucos, retomar o processo de queda dos juros", frisou o economista.

Para 2004, os indicadores econômicos já estão consolidados, na avaliação do mercado. Segundo a pesquisa *Focus*, a inflação medida pelo IPCA bateu em 7,47%, ficando bem próxima do teto da meta fixada pelo governo, de 8%. Esse resultado foi revisado para cima pela quinta semana consecutiva. O resultado oficial do IPCA só será divulgado, porém, na segunda semana de janeiro.

Nas contas dos especialistas, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano será de 5,1%, a produção industrial aumentou 7,62% e os preços administrados tiveram reajustes médios de 9,76%. No ano que vem, devido à alta de mais de 12% dos Índices Gerais de Preços (IGPs), as tarifas públicas serão reajustadas, em média, em 7,2%, garantindo pelo menos dois pontos percentuais na inflação medida pelo IPCA.